

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS VII - CODÓ
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS NATURAIS – BIOLOGIA

AMANDA DE CASTRO MACIEL

Educação e prevenção: abordando a drogadição em contextos escolares

Codó
2018

AMANDA DE CASTRO MACIEL

Educação e prevenção: abordando a drogadição em contextos escolares

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso como parte integrante dos requisitos para obtenção do diploma de graduado em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais – Biologia

Orientador: Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa

Codó
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Maciel, Amanda de Castro.

Educação e prevenção: abordando a drogadição em contextos escolares / Amanda de Castro Maciel. - 2018. 32 p.

Orientador(a): Francisco Waldílio da Silva Sousa.

Curso de Ciências Naturais - Biologia, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2018.

1. Crianças e Adolescentes. 2. Fatores de Risco e Fatores de Proteção. 3. Prevenção às drogas. I. Sousa, Francisco Waldílio da Silva. II. Título.

AMANDA DE CASTRO MACIEL

Educação e prevenção: abordando a drogadição em contextos escolares

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso como parte integrante dos requisitos para obtenção do diploma de graduado em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais – Biologia

Codó, 20 de Dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa
Coordenação de LCN/Bio, UFMA, Campus VII, Codó

Prof. Dr. Dilmar Kistemacher
Coordenação de LCN/Bio, UFMA, Campus VII, Codó

Profa. Me. Márcio Douglas de Carvalho e Silva
SEDUC MA e SEDUC PI

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado um ensino superior e ter vencido todas as etapas.

Aos meus pais, meu padrasto e meus irmãos pelo incentivo e apoio durante a minha jornada acadêmica.

Ao meu tio Daniel, por ter me ajudado durante a graduação.

Ao seu Edmar, dona Du e Emanuely, pelo acolhimento e carinho em sua residência.

Ao meu professor orientador, Francisco Waldílio da Silva Sousa, pela sua dedicação.

Aos meus seis amigos queridos, onde sem eles nada seria tão gratificante, Adriana, Francília, Mayara, Myllena, Rosália, e em especial ao Guilherme, por toda ajuda e paciência durante todos esses anos.

Ao meu amigo Berg, por todo apoio e confiança.

A Universidade Federal do Maranhão, e a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

Obrigada!!!

RESUMO

Essa pesquisa, de cunho quanti-qualitativa, teve como cenário principal a Escola Neyde Magalhães Araújo em Codó/MA, seu objetivo precípua foi analisar os fatores de risco e os fatores de proteção relacionados à família, escola, comunidade e amizades entre discentes do ensino fundamental das séries finais da referida escola, tal expediente foi realizado a partir da aplicação de um questionário. Foi realizado ainda um “bate-papo”, com adolescentes, onde podemos apreender algumas representações que estes têm em relação ao fenômeno drogadição. Por fim, investigamos, por meio de entrevistas, como a escola tem atuado frente a essa problemática. Em suma, observamos que os fatores de proteção são mais elevados nos ambientes família e escola e nas amizades, a comunidade, por sua vez, apresenta fatores de risco mais elevados, segundo os índices e informações obtidos.

Palavras-Chave: Prevenção às drogas. Fatores de Risco e Fatores de Proteção. Crianças e Adolescentes.

ABSTRACT

This quantitative-qualitative research had as main scenario the school “Neyde Magalhães Araújo” in Codó / MA. Its main objective was to analyze the risk factors and protection factors related to family, school, community and friendships among students of elementary school of the final grades of said school, this expedient was carried out through the application of a questionnaire. There was also a "chat" with adolescents, where we can apprehend some of the representations they have regarding the phenomenon of drug addiction. Finally, we investigated, through interviews, how the school has dealt with this problem. In sum, we observed that the protective factors are higher in the family and school environments and in the friendships, the community, in turn, presents higher risk factors, according to the indexes and information obtained..

Keywords: Drug prevention. Risk Factors and Protection Factors. Children and Adolescents.

INTRODUÇÃO

O fenômeno drogadição¹ tem causado, nas últimas décadas, uma preocupação em âmbito global. Leis, projetos, programas, campanhas e outras ações são constantemente pensadas no sentido do enfrentamento dessa problemática. Em geral, as drogas ilícitas são vistas como “um mal maior” e por diversos aspectos (legal, cultural, moral etc.) são socialmente “menos aceitas”, as drogas lícitas (sobretudo o álcool e o tabaco), por sua vez, tendem a ser mais aceitas, também pelos mesmos aspectos supracitados, todavia, ambas são geradoras de abusos e dependências. Entretanto, qual o papel da escola frente a essas questões? Sousa (2017, p.32) registra que,

A atuação de professores e outros educadores/profissionais frente ao fenômeno da drogadição não tem acompanhado a crescente demanda de profissionais capacitados/especializados nesta área no Brasil. O “como atuar” ainda é uma dúvida para muitos, provavelmente, para a maioria dos professores (SOUSA, 2017, p. 32).

Analizamos, nesse trabalho, os fatores de risco e os fatores de proteção relacionados à família, escola, comunidade e amizades. Sabendo que os fatores de risco são aqueles que possuem estimativas em relação ao perigo, enquanto os fatores de proteção oferecem condições de cuidado e autocuidado. Schenker;

¹ Drogadição pode ser entendido como a doença relacionada à dependência química – CID 10 (Catálogo Internacional de Doenças) no seu Capítulo V (F-10 a F-19). Sousa (2017, p. 28) também trabalha com a categoria “contexto de drogadição” para referir-se genericamente a territórios/espacos/situações de fornecimento e consumo de drogas consideradas ilícitas.

Minayo (2005, p.4) observam que tais fatores (risco e proteção) “devem ser tratados como variáveis independentes, pois podem afetar o comportamento sem que haja, necessariamente, uma complementaridade entre eles”.

O objetivo precípua dessa pesquisa foi compreender como a drogadição é pensado por discentes e pelos profissionais que compõe a Escola Neyde Magalhães, da rede municipal do Codó/MA. Nesse sentido algumas questões nos servirão de norte, tais como: quais os fatores de risco e de proteção de discentes dessa escola em relação ao uso de drogas? Quais as representações que tais jovens têm sobre drogas? O que pensa a escola sobre essa temática?

Através do questionário, observamos que os Fatores de Proteção são mais elevados em ambientes como a família e a escola e também nas amizades. Em todas as turmas, a comunidade apresenta Fatores de Risco mais elevados. No que se refere às percepções que os jovens têm acerca da temática, através de “bate papo”, podemos perceber momentos que expressam “medo”, e também de “vulgarização” da temática (brincadeiras, risos e até *bullying* com outros), porém no geral eles querem falar, cabe a nós pesquisadores, saber ouvir e tentar compreender as falas, as gestos, os apelos, por mais sutis que sejam. Quanto aos profissionais que compõe a escola, estes, em geral, mostram-se preocupados com o problema (uso e abuso de drogas), entretanto, revelam, a escola tem suas limitações no tocante ao enfrentamento.

Destacamos, pois, que a partir de outubro de 2018, a escola foi contemplada com um projeto² de Prevenção às Drogas, através do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), onde 10 graduandos de Ciências Naturais/Biologia estão participando de uma etapa de formação, para atuarem na referida escola a partir de 2019.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é de cunho quanti-qualitativa com a temática “Educação e prevenção”, sendo realizada no Colégio Municipal Neyde Magalhães Araújo – Ensino Normal, localizada na Praça Deputado José Bayma Serra, S/N, Bairro Codó Novo, Codó - MA. É um Colégio que, funciona em dois turnos e atende,

² O projeto intitula-se *Abordando as drogas no ensino de Ciências Naturais: Estratégias didáticas para práticas de prevenção*, este, tem supervisão da Prof. Vanessa Santos da Cruz da escola Neyde Magalhães, e Coordenação do Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa (UFMA).

aproximadamente, 530 alunos distribuídos em várias turmas. A faixa etária dos alunos varia de 11 a 14 anos.

Os procedimentos metodológicos incluíram, questionários, “bate papo” com discentes e entrevista, além de uma revisão de literatura. Aplicamos um questionário com 80 questões com alunos/as do 6º ao 8º ano, as perguntas são relacionadas aos fatores de risco e proteção na família, escola, amizade e comunidade, a partir dos resultados realizamos a tabulação dos dados obtidos, que estão apresentados em porcentagem. Em seguida, realizamos um “bate-papo” informal sobre prevenção as drogas, objetivando deixar os partícipes mais a vontade, este se realizou com os alunos do “6º ano B”, realizamos perguntas e exibimos vídeos no intuito de estimular que os partícipes expressassem suas percepções acerca da temática. Por fim, realizamos uma entrevista semi-estruturada com alguns funcionários da escola, as perguntas eram relacionadas à “drogadição”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido à juventude ser uma fase marcada por transformações em que surgem novos ideais e também um amadurecimento emocional, é importante que os profissionais das escolas estabeleçam diálogos com a família no sentido da criação de uma rede de apoio e proteção dos jovens, porém é importante que essas ações sejam realizadas com a participação direta, destes.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) assevera que “Droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento”. Esta ainda afirma que informações adequadas sobre drogas é um fator de proteção. É importante ainda frisar que,

[...] tanto é droga a maconha quanto a aspirina e o antibiótico; tanto o álcool quanto a cocaína; tanto o cigarro quanto LSD; tanto o cafezinho quanto o lança perfume. O que varia é como atua no organismo de cada indivíduo, bem como a finalidade, pois, quando a droga é empregada com finalidade terapêutica, ela passa a denominar-se medicamento (MONTEIRO, p.18).

Sem dúvida, frisamos que a escola tem um papel importante podendo propor modelos de prevenção através de práticas educativas específicas, pautadas na interdisciplinaridade e transversalidade e que não sejam esporádicos/pontuais haja vista que uma das principais críticas que se faz a programas de prevenção às drogas em escolas, por exemplo, é a falta de continuidade do programa nas séries

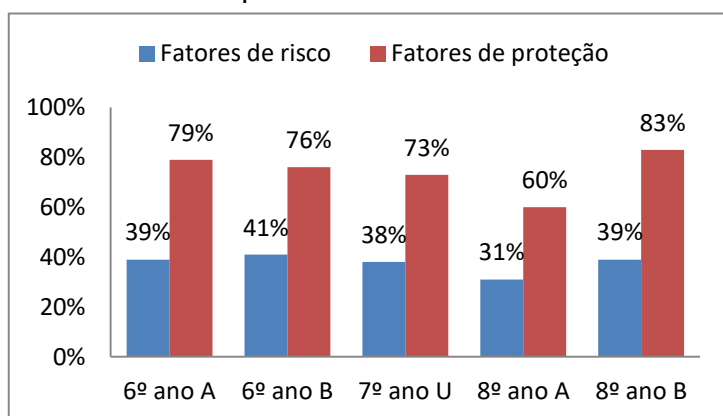
seguinte àquelas que se destina o currículo (BOTVIN, 2000; CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996).

Fatores de Risco e Fatores de Proteção

Inicialmente foram escolhidas algumas turmas, com base na faixa etária dos alunos, para aplicação de um questionário, sendo elas, 6º ano A, 6º ano B, 7º U, 8º ano A e 8º ano B, obtendo-se um total de 145 sujeitos para a pesquisa. A escolha das turmas deu-se por conta da base objetiva desta pesquisa, que se direciona para a busca de informações que possam *a posteriori* subsidiar intervenções de cunho preventivo, pois na faixa etária que compreende tais séries, as ações de prevenção tendem a ser mais eficaz.

Aplicamos um questionário aos alunos, contendo um total de 80 questões que se dividiam em quatro grupos principais: **Família**, **Escola**, **Amigos**, **Comunidade**, assim, foi possível, dentro dos limites de todo levantamento quantitativo, aferir os Fatores de Risco e Fatores de Proteção em cada um desses grupos.

GRÁFICO 1: Grupo Família

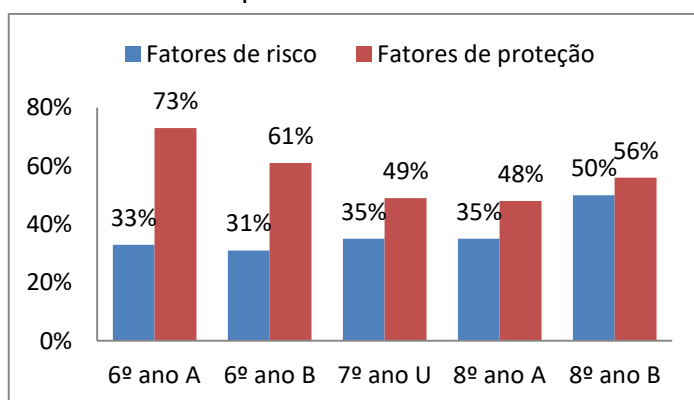


No **Gráfico 1** pode-se observar que os fatores de proteção na família obteve o maior índice em todas as turmas, enquanto que os fatores de risco apresentam índices menores. Esses resultados, em geral, mostram, possivelmente, um vínculo positivo que há entre os alunos e a família, entretanto registramos de forma significativa, tanto nos questionários como no “bate papo” afirmações direcionadas ao uso do álcool, tabaco e remédios para relaxar por algumas famílias. Goular; Soares (2013, p.4), citam que o ambiente familiar, nos seus mais diversos modelos, é base para a construção da cidadania, “uma vez que traz possibilidades que vão

desde as associadas a fatores de proteção, socialização até a criação de vínculos essenciais aos indivíduos”.

Contudo notamos que por mais que existam diversos modelos de família, é de suma importância que a criança/adolescente/jovem que tenha uma relação de respeito e uma sensação de pertencimento a uma família, ou daqueles que assumem essa função, como abrigos e orfanatos, para que possam exercer de forma plena a sua cidadania. A seguir, o **Gráfico 2** traz informações sobre a escola e as percepções dos alunos quanto a seu grau de “risco” e “proteção”.

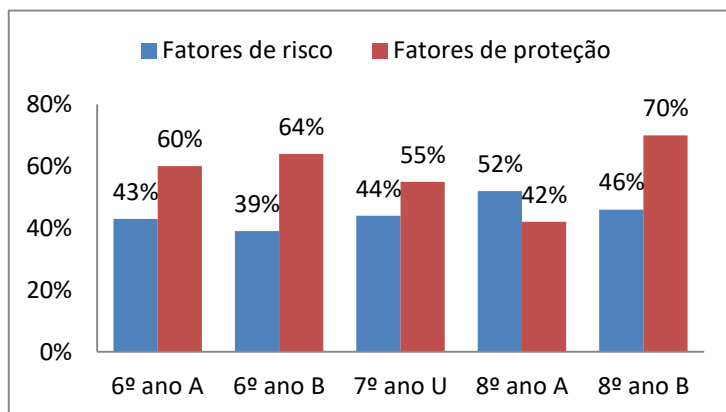
GRÁFICO 2: Grupo Escola



No **Gráfico 2**, pode observar que os fatores de proteção na escola são maiores que os fatores de risco. A partir das respostas, identificamos que na escola já realizou/participou de campanhas ou outras atividades de prevenção às drogas. No que se refere aos fatores de risco, registramos “a falta de segurança no ambiente escolar”, e principalmente, que as regras funcionam somente para os alunos e não são tão rigidamente cobradas do corpo administrativo e docente da escola. É dever da escola, garantir a segurança e integridade física dos/as alunos/as, criando condições de que estes se sintam acolhidos e protegidos. Contudo, a Constituição Federal do Brasil assegura que, “é dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio”.

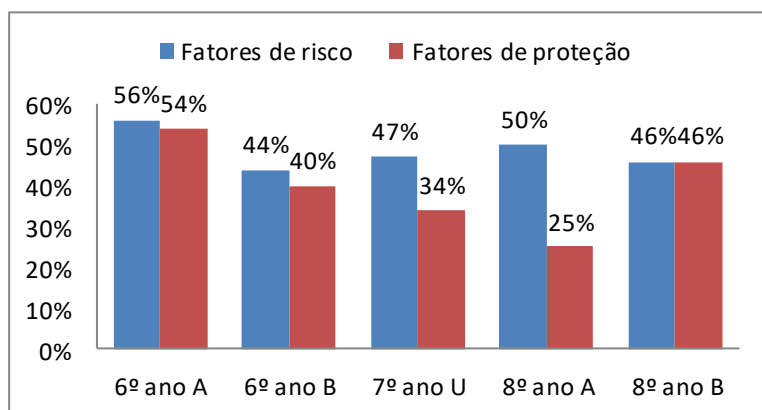
As relações de amizade influenciam na vida do indivíduo e podem trazer consequências de naturezas diversas, inclusive que coloquem em risco a integridade física e/ou a saúde. No **Gráfico 3** apresentamos os fatores de risco e fatores de proteção do grupo amizade.

GRÁFICO 3: Grupo Amizade



O **Gráfico 3**, registra um índice maior de fatores de proteção nas amizades, as principais respostas foram: os amigos tem compromisso com os estudos e tem projetos para o futuro, enquanto que nos fatores de risco observamos que eles sentem dificuldades em confiar nos seus amigos, e que os amigos são agressivos com pessoas fora do grupo, registramos ainda, que a minoria apontou que seu namorado ou “ficante” incentiva ao uso de droga.

GRÁFICO 4: Grupo Comunidade



No **Gráfico 4** houve uma diferença em comparação aos resultados obtidos nos grupos anteriores, onde os fatores de riscos na comunidade se destacam, possuindo respostas que apontam que na comunidade os indivíduos estão envolvidos de pessoas que os incentivam a usar drogas. Pessoas que não se preocupam com a venda de drogas a adolescente e não se importam umas com as outras, havendo afirmativas que se direcionam para a existência de gangs e traficantes na comunidade. A partir disso, os entrevistados ainda afirmam que se sentem influenciados a usar drogas em todos os lugares frequentados na comunidade.

Sobre os fatores de proteção, as respostas apontam áreas de lazer, geralmente, sendo estas, quadras para praticar esportes, ademais, enfatizam que nos lugares de lazer, as drogas não são encontradas com facilidade.

De modo geral, relacionando os gráficos dos Grupos Amizade e Comunidade, podemos notar que há uma discrepância nos resultados entre as turmas do 8º ano A e 8º ano B, levando em consideração que os alunos possuem em média a mesma faixa etária e obtiveram resultados diferentes em relação aos fatores de risco e de proteção nos grupos anteriormente citados. Com base em conversas com profissionais da escola, essa discrepância dar-se através do estilo de vida diferenciado entre os sujeitos, as comunidades em que vivem interferem no seu cotidiano.

A partir disso, enfatizamos que possuímos como um dos fatores de proteção o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que se refere ao acolhimento de crianças e adolescentes para a garantia de convivência familiar. Tendo como dever da família, comunidade e sociedade garantirem os direitos da criança quanto à vida, educação, alimentação, saúde, lazer, e tudo aquilo que implica a convivência familiar e comunitária. O ECA, afirma que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (ART. 3º, PARÁGRAFO ÚNICO).

Almeida Filho, *et al*, (2007, p.2) ressalta que: “a iniciação precoce, a suscetibilidade herdada ao uso de drogas e a vulnerabilidade ao efeito dessas também são aspectos de risco a serem considerados.” Conforme visto acima, mesmo que algumas crianças estejam rodeadas de males, não perdem a essência em buscar os ambientes de lazer da sua comunidade para reunir-se com os amigos de forma saudável, sem nenhum tipo de envolvimento com perdições, apenas para distrações e brincadeiras.

As atividades direcionadas para a prevenção do uso de drogas são importantes para retardar, diminuir ou até mesmo impedir a pessoa de fazer uso dos entorpecentes, evitando que ocorram males e fazendo com que possamos ter uma

baixa nos fatores de risco estimados. Os níveis de prevenção³ estão classificados em três tipos: primária, secundária e terciária, estabelecidas de acordo com a fase de consumo do indivíduo (SANCHEZ, 2014).

Roda de Conversa

Para a segunda etapa da pesquisa, foi realizada um “bate-papo” com os alunos do 6º ano B, com questionamentos sobre o uso e prevenção de drogas. Os questionamentos foram divididos em três principais grupos para melhor análise dos resultados. No Quadro 1 apresentamos a definição de cada divisão de grupos.

QUADRO 1: Definição das temáticas por grupo de perguntas

Grupo	Temática das perguntas
Drogadição	Perguntas relacionadas ao conhecimento dos alunos sobre drogas e as atividades relacionadas ao seu uso.
Legislação	Perguntas relacionadas ao conhecimento dos alunos sobre as leis vigentes direcionadas ao uso, compra e venda de drogas.
Escola-Comunidade	Perguntas relacionadas sobre as vivências dos alunos com a escola, os amigos e a comunidades pautando ao uso de drogas.

Conforme apresentado no QUADRO 1, foram realizadas perguntas específicas aos alunos para sabermos o conhecimento que tinham a respeito de drogas, das leis, e como era trabalhada essa questão em suas comunidades e na sua escola. No decorrer do “bate-papo” novas perguntas foram surgindo e sendo respondidas, porém não foram inseridas no questionário inicial, mas, aparecerão no decorrer da análise. A partir disso, no Quadro 2, apresentamos as perguntas que foram aplicadas aos alunos, podendo ser observado que as mesmas estão divididas conforme os grupos anteriormente definidos.

³ **Primária:** está destinada as pessoas que nunca fizeram o uso de drogas, tendo como objetivo evitar o primeiro contato. **Secundária:** está destinada a indivíduos que fazem o uso circunstanciais de drogas, tendo como objetivo evitar que se torne frequente e abusivo, reduzindo as chances para que ocorra uma dependência. **Terciária:** está destinada a indivíduos que já são consumidores natos, que sofrem de dependência, tendo como objetivo incentivá-los a tratamentos com profissionais para a redução do uso abusivo de drogas

QUADRO 2: Perguntas conforme os grupos de análise

	Grupos		
	Drogadição	Legislação	Escola-Comunidade
Perguntas	Quando se ouve a palavra “droga”, o que vem na cabeça?	De menor pode comprar drogas/álcool?	A influência dos amigos sempre é boa?
	Quais os tipos de drogas que vocês conhecem?	Na sua comunidade a Lei que proíbe o a vendas de álcool ou cigarro para menores, funciona?	O que você gostaria que tivesse em seu bairro?
	Onde pode se comprar drogas?		O que não tem na sua escola que gostaria que tivesse?
	Quem já foi comprar cigarro ou álcool?		
	Quais as bebidas que vocês conhecem?		
	Na opinião de vocês, qual a droga que mais mata?		

Conforme as perguntas apresentadas, inicialmente no Grupo 1 – Drogadição, quando questionados sobre quando se fala sobre droga, apenas um aluno se desinibiu para responder oralmente. Os demais ficaram com vergonha de falar, então, foi proposto que eles respondessem através da escrita. Vejamos algumas respostas:

“Droga é uma coisa tipo pó ou pedra que deixa a pessoa mal, deixa vendo coisas e também faz com que a pessoa faça algum mal para as outras, como exemplo: matar, bater, xingar, a droga acaba com a pessoa”.

“Para mim a droga é um tipo de vício muito perigoso, porque causa problema de saúde e da consequência para os povos que fumam”.

“É uma coisa que se vende em comércio como litrão e fumo”.

“É uma folha, quando a gente fuma fica doidão”.

“É o cara que fica xilado”.

“Droga é fumar, é algo vendido ilegalmente”.

“Droga é tipo de morte que a gente nem vê, a pessoa fuma e quando menos percebe já está viciada, e acaba morrendo por uma coisa que não tem futuro”.

Podemos notar que nas respostas dos participantes, todos demonstram possuir algum conhecimento sobre o caráter prejudicial das substâncias psicoativas, além de também saberem citar alguns tipos de drogas, o que nos leva a segunda indagação direcionada ao grupo, que objetiva compreender quais os tipos de drogas que os mesmos conhecem. A partir desta, os alunos estavam mais tranquilos, e começaram a responder em voz alta, indicando nomes para drogas como: *“maconha”, “cocaína”, “loló”, “crack”* (também conhecida como *“pedra”*, onde muitos responderam assim), *“lança perfume”, “porronca”, “cachaça”, “alho”* (um tipo de maconha prensada).

Com base no conhecimento dos alunos quanto às drogas, acredita-se que este vem através das suas comunidades, como afirma Reis, *et al*, (2015, p.2)

“Algumas comunidades estão mais expostas às drogas de abuso, e ao impacto decorrente do seu uso, ampliando a percepção e a discussão sobre os problemas sociais existentes e o impacto das drogas na qualidade de vida e saúde da população” (REIS, 201, p.2).

Em relação às mudanças que a droga causa, um aluno soltou o termo *“xilado”*. Com base nisso, indagamos a turma o que significava a palavra, obtendo respostas como, *“Quando a pessoa fica huuuummm (expressão interpretada pelo estudante, usada como sinônimo de prazer ao utilizar a droga)”*, *“Quando a pessoa fica suave na nave (expressão indicada como sinônimo de relaxamento ao utilizar a droga)”*, *“Fica com os olhos vermelhos (um dos sintomas ocasionado pela utilização de drogas)”*, *“Fica doidão (expressão indicada como sinônimo da perda de noção e sentidos sobre o que está fazendo ao utilizar a droga)”*.

Foi pedido para os alunos levantarem o braço na seguinte pergunta: quem acha que cigarro de cachaça são drogas? Aproximadamente oito alunos levantaram o braço. Em seguida pediu para levantar o braço quem achava que não era droga, nenhum aluno levantou, então, foram indagados para saber o motivo que não levantaram o braço, alguns responderam que também achavam que era droga, e os outros se mantiveram calados.

De acordo com as respostas acima, foi explicado a eles alguns tipos de drogas mais comuns e de fácil acesso, como cerveja, cachaça, cigarro, onde os mesmos encontram em bares e comércios ao redor da sua casa, em seguida foi perguntado: e a maconha e a cocaína se encontram em qualquer bar ou qualquer comércio, a maioria respondeu: *“não”*. Foram indagados: Onde podemos encontrar? Em tom alto alguns responderam:

“Na crackolandia”

“Boca de fumo”

“Até mesmo na escola”

Após as respostas acima, foram questionados a respeito do termo “crackolandia”, se sabiam o que significava essa palavra, os alunos disseram que a “crackolandia” era *“onde vende drogas”, “onde as pessoas vão fumar”, “lugar onde as pessoas trocam coisas roubadas por drogas”*. A partir da pergunta direcionada ao termo “crackolandia”, questionamos aos partícipes do “bate-papo” sobre o bairro no qual a escola estava localizada, se no mesmo existia “crackolandia”, responderam que *“não”*, que tinha *“boca de fumo”*, foi pedido para que eles explicassem o que é boca de fumo, então responderam: *“onde vende drogas”*.

Um ponto importante que pode ser observado nessas respostas, é a venda de drogas em casas de família na comunidade em que vivem os alunos, fazendo com que se torne algo de fácil acesso para qualquer um, nota-se que há uma falta de policiamento nas redondezas ao combate do tráfico de drogas, onde de certa forma há uma exposição de vendas, que até mesmo crianças têm conhecimento sobre.

Com base na conversa acima, foi perguntado: quem já foi comprar cigarro ou álcool para uma pessoa de maior idade? Dentre as respostas, 27 partícipes levantaram o braço confirmando que já foram comprar a pedidos de pais ou tios, o que é bem comum na nossa sociedade mesmo sabendo que essa prática seja proibida. Como diz a lei 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, afirma:

É crime vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar, ainda que gratuitamente, de qualquer forma, a criança ou a adolescente, bebida alcoólica ou, sem justa causa, outros produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica. (ART. 243).

Após o “bate-papo” com os alunos, foi apresentado um slide com uma pequena introdução falando sobre algumas drogas e seus efeitos, e os componentes que as compõe. Sabemos que tudo aquilo que modificam as funções do organismo são chamadas de drogas, então, foram questionados sobre os remédios, e se os mesmos mudam as funções no organismo. As respostas não tiveram diferença expressiva, sendo explicado a partir disso que os remédios são considerados drogas, por permitirem mudança no organismo, sendo esta para alívio da dor ou demais sintomas.

Em seguida, ainda discorrendo sobre a análise dos questionamentos no **Grupo 1** Drogadição questionando aos alunos sobre quais as bebidas conhecidas por eles. As respostas foram principalmente o nome de diferentes marcas de bebidas e não a base alcoólica delas. Dentre as respostas, foram repetidas por mais estudantes, as bebidas “*Glacial* (Cerveja)”, “*Cachaça da terra*”, “*Smirnoff* (Vodka)”, “*Skol beats* (Cerveja)”, “*Black white* (Whisky)”.

Por conseguinte, interrogamos os partícipes, sobre quais as drogas que eles acham que mata com maior frequência no Brasil. Desta, obtivemos os nomes de diferentes drogas, porém, em nenhuma das respostas os alunos indicaram o álcool como esta droga, que no Brasil é o maior causador de mortes, como cita Garcia (2017, p.1).

No Brasil, o uso abusivo de álcool é um problema frequente. De acordo com o Ministério da Saúde, a dependência de álcool atinge 12% da população adulta, em torno de 20 milhões de pessoas, e representa 90% das mortes por consequência de uso de drogas. Isto significa que a bebida alcoólica mata mais que qualquer outra substância, como cocaína e crack (GARCIA, 2017, p.1).

Com base no que já se foi mostrado, nota-se que o aluno tem conhecimento das drogas e dos efeitos que elas causam no organismo, possuem conhecimento que a venda é proibida, e mesmo assim sabem onde adquirir de um modo “fácil”. Além das drogas mais conhecidas por eles, apontamos outras para expandir seus conhecimentos, sempre frisando as consequências que cada um traz.

Direcionando a análise para o **Grupo 2** – Legislação, ao serem questionados, se crianças e adolescentes (utilizado o termo “de menor” no momento da pergunta) podem comprar drogas, a maioria dos partícipes respondeu que “*não*”, sendo reformulada a pergunta no momento e trocado o termo “drogas” por “álcool”, obtendo a partir disso uma mudança expressiva das respostas para “*sim*”, sendo

observado a partir disso que a maioria deles ainda possui dificuldade em entender que o álcool também é um tipo de droga e que eles apenas entenderam após a explicação, que a lei proíbe a venda de drogas e qualquer tipo de bebida alcoólica para indivíduos que estejam abaixo da faixa etária de 17 anos, que compreende a fase na qual o questionamento foi realizado.

Em seguida foi perguntado se a Lei 8.069, que trata sobre a proibição da venda de drogas a menores de idade, como já citada acima, se aplica nas comunidades em que vivem, a maioria respondeu que não, pois em seu lugar de vivência é normal a venda de álcool e cigarro para crianças, onde até mesmo os seus familiares pedem para comprar.

Além da proibição de venda para menores, a legislação de drogas pune aqueles diante da Lei 11.343/06, no artigo 28 “quem adquirir guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal” cumprirá pena, conforme redigidas na lei. Ressaltando que há uma diferença nas punições de porte de drogas para tráfico de drogas, critérios os quais são definidos por juízes. No artigo 2º, ressalta que:

Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar. (LEI DE TÓXICOS, ART. 2º, 2006).

Em finalização, na análise do **Grupo 3**, Escola-Comunidade, foram passados alguns vídeos para os alunos, dentre eles, um que fala sobre a liberdade do indivíduo poder falar “sim” ou “não”, que a partir do momento em que você não tiver esse poder, não terá liberdade. Foi mostrado que todos têm direitos de ter amizades, porém, com a reflexão sobre com quem conviver, pois a partir de um determinado momento da vida, os amigos podem nos influenciar. A partir do vídeo apresentado, e as temáticas abordadas, foi questionado aos partícipes, se as influências dos amigos sempre são positivas, obtendo-se respostas negativas ou indecisas, valendo destacar que nenhum deles confirmou as influências dos amigos como sempre positivas.

A partir das respostas, continuamos a discussão a partir da indecisão de alguns no momento da respondendo, indicando que as influências dependiam de alguns fatores, questionados de quais fatores, eles responderam que dependia de

quais amigos eles estivessem considerando no momento de responder. Então, pedimos para que citassem quando a influência de um amigo pode ser negativa e quando pode ser considerada positiva, obtendo respostas como, *“quando chamam a gente para usar drogas”* e *“quando chamam para beber”*, sendo estas influências negativas, e *“quando convidam para ir à igreja”*, como o exemplo de uma influência positiva.

Para finalizar nosso “bate-papo”, perguntamos para eles, dentre tudo que havia sido falado, o que eles gostariam que tivesse no seu bairro e o que eles gostariam que tivesse na sua escola, e que não tem. Ressaltando que, alguns alunos afirmaram que tem medo de andar em seu bairro pela falta de segurança, durante as discussões das temáticas abordadas. A partir disso obtivemos respostas que em sua comunidade eles gostariam que tivesse *“Paz”, “Festa”, “Campo de futebol”, “Pista de bicicleta”, “Segurança”, “Que não tivesse blitz”, “Que pudesse andar sem capacete”*, enquanto na escolas eles afirmaram que gostariam que tivesse *“aula de educação física”, “aula de computação”, “wi-fi liberado”, “uma quadra maior”, “aula de música”, “aula de dança”, “merenda”*.

A campanha de prevenção é necessária para todas as idades e classes, pois não se trata de um fenômeno ligado à pobreza, e sim, um fenômeno social, onde qualquer um está vulnerável a influência ao uso, sendo assim suscetível de entendimento para todos. Sousa (2017, p.81), menciona que:

O fenômeno da drogadição está disseminando-se em todas as camadas sociais e aglomerados populacionais. Esse problema afeta o rico e o pobre, as pessoas do campo e da cidade, e os males trazidos por ele se alastram em velocidade e proporções nunca antes vistas (SOUSA, 2017, p.81).

Com base no que foi abordado na roda de conversa, é perceptível o conhecimento que as crianças na faixa etária de 12 anos possuem sobre a temática “drogadição”, foi um tema agradável para ser abordado, pois os alunos são desinibidos, tiveram uma boa desenvoltura no decorrer da palestra. Diante dos poucos conhecimentos que já sabiam, atribuímos-lhes mais alguns saberes para que possam se manter distantes de qualquer tipo de envolvimento com drogas.

Entrevista com funcionários da escola

Para dar início a terceira etapa da nossa pesquisa, foi realizada uma entrevista sobre o uso e prevenção às drogas no âmbito escolar com alguns funcionários da escola, que no momento estavam disponíveis, sendo realizadas seis perguntas, como mostra o quadro 3.

Quadro 3: Questionário aos funcionários da escola.

PERGUNTAS
Na escola existe trabalho de prevenção às drogas?
Quais os métodos de prevenção já feitos nas escolas?
Para você, qual a importância da prevenção?
Já houve algum problema com drogas no âmbito escolar?
Como você retrata o perfil dos alunos?
O que você a falar da comunidade em que os alunos vivem?

Fonte: Elaborado pela autora.

Os funcionários que estavam disponíveis no momento da ação na escola foram, o secretário da direção, uma auxiliar de serviços gerais, a vice-diretora juntamente com a supervisora e uma professora. Com base nas perguntas mostradas acima, obtivemos as seguintes respostas de acordo com a primeira pergunta, relacionada a existência de trabalhos direcionados a prevenção de drogas na escola.

“Nenhum método de prevenção é desenvolvido pela escola, e quando ocorre algum e porque alguém de fora pede autorização para realizar uma palestra”.

“Nunca vi, mas acho que já teve, toda escola tem”.

“Existem projetos e palestras visando o não uso das drogas”.

“Não existe”

De acordo com as respostas apresentadas acima e a breve conversa com os partícipes, observou-se que a escola não possui nenhum tipo de projeto executado com frequência em relação à prevenção de drogas e nem possui planos para aderir esse método no âmbito escolar. Porém, este trabalho é de suma

importância ser abordado para crianças, delimitando-as o que é prevenção qual a importância de manter-se distante desse caos que são as drogas, visando que o sujeito não sinta curiosidade de adentrar a esse mundo. Com base no que foi dito, Cassimiro (2009, p.20) *apud* Silveira e Moreira (2006) afirma que:

[...] prevenção diz respeito às ações voltadas para a diminuição de problemas de saúde relacionados ao uso de drogas e, dentro dessa perspectiva, Seibel e Júnior (2001, p. 43) propõem que: “[...] a melhor maneira de abordar o problema do uso e abuso de drogas entre os jovens é a prevenção. E quando se fala em atuar com jovens, a escola é sempre lembrada como o local de excelência onde esta tarefa deve se desenvolver” (CASSIMIRO, 2009, p.20).

A escola sendo um meio de vivência e educação para as crianças, onde adquirem conhecimentos, aprendem a conviver com diferentes pessoas e onde se busca sabedoria, é importante que contribua para além da educação básica, e sim para vivência cotidiana até a necessidade do seguimento de uma carreira profissional, além do mais, contribuir contra os males que os jovens estão suscetíveis, buscando preveni-los. Com isso, quando questionados sobre métodos de prevenção relacionados as drogas, os entrevistados afirmaram:

“Nunca teve, de forma alguma”.

“Nenhum método durante o tempo que estou trabalhando”.

“Palestras, projetos, e a Polícia Militar veio com o programa Proerd”.

“Para falar a verdade, eu acho quase impossível se criar um método de prevenção as drogas, porque o uso de droga está mais voltada para a questão familiar, então se existe esse trabalho, tem que acontecer nos lares, porque os alunos já vem com esse problema quando chega na escola, e não sabemos o que levou eles a usarem. Já houve palestras, onde juntam os alunos no pátio, algo superficial, um trabalho que não tem eficiência para combater um problema desse”.

Uma entrevistada concluiu falando que acha ineficiente os projetos voltados à prevenção as drogas, mesmo a intenção sendo boa, devido aos projetos não terem continuidade e se tornar um pouco difícil combater a prevenção. Ressaltou que, para trabalhar com um aluno sobre a temática tem que saber quais as suas condições, vida familiar, social, estudantil, e entender quais possíveis motivos possam os levar a usar drogas, pois assim, pode-se trabalhar em cima do que

realmente contribui para tal atitude, podendo prevenir. Com base nisso, Muller, *et al* (2008, p.610), *apud*, Soares e Jacobi (2000), cita que:

A importância da escola como local privilegiado para trabalhar prevenção às drogas pela possibilidade de acesso aos jovens e pela natureza educacional de seu trabalho. Ressaltam, ainda, o despreparo para trabalhar com as dificuldades sociais e com as transformações culturais. Para estes autores, as instituições educacionais devem se afastar de cânones inflexíveis e passar a ver estas questões como os alunos as percebem, adicionando as necessidades e a demanda que surge no cotidiano escolar às práticas preventivas (MULLER, 2008, p610).

A família é um dos maiores incentivadores aos bons costumes na vida de um filho, pois é onde recebem a educação básica, em seguida, vem à escola, amadurecendo os conhecimentos de cada um em prol de saber tomar decisões que qualifiquem a sua vida, vale ressaltar que as prevenções contribuem para isto. Além de indagados sobre os métodos de prevenção utilizados, foi perguntado qual a opinião deles em relação a utilização desses métodos.

“É importante porque lidamos com alunos usuários não só de drogas ilícitas, mas também as lícitas como já houve o caso de pegar bebidas alcoólicas de alunos”.

“Importância total, pois temos que conversar e orientar os alunos.”

“Importante porque a gente desperta nos alunos a consequência do uso de drogas, incentivando-os a não usá-la”.

“O fato de prevenir é importante, já que estou prevenindo, não vou vivenciar esse problema, porque nós sabemos que as drogas tem contribuído muito para desestrutura familiar, na comunidade, na escola, então a prevenção para esse problema é importante”.

Como visto acima, na escola já houve problemas relacionados a drogas, sendo ela, vista pela sociedade como um alvo para promover práticas educativas em prol de reduzir agravos causados pelas drogas, conforme a importância deste trabalho, BENEVIDES, (2004, p.2), cita que:

É imprescindível se pensar em trabalhar com prevenção ao uso de drogas é reconhecer a importância desse trabalho. Ou seja, sugere-se desenvolver ações com os jovens e adolescentes onde eles possam no seu dia a dia desenvolver atividades que suscitem uma reflexão sobre o quanto é necessário que cada um consiga cuidar e gostar de si, a ponto de poder discernir que algo o prejudicará e, a partir de então, começar a prestar mais atenção nas opções de busca de prazer (BENEVIDES, 2004, p.2).

Além da prevenção ao uso de drogas serem importante para a saúde e bem-estar do aluno na sociedade, é essencial para evitar que ocorram casos de “drogadição” nas escolas. Conforme a quarta pergunta, obtivemos as seguintes respostas:

“Já pegamos uma aluna com uma garrafa de vinho dentro da sala de aula, e no ano passado tinha um aluno que já chegava na escola drogado”. O entrevistado complementou falando respeito de um professor da escola que é policial, com isso, achava que os alunos podiam temer um pouco.

“Desde o tempo que estou aqui (6 meses), nunca vi nenhum problema.”

“Sim, uma aluna do 7º ano estava com um vidro de loló em sala de aula, e outro caso de uma aluna que estava consumindo uma garrafa de vinho. E já notamos casos de alunos que chegam na escola drogado, era óbvio que ele tinha usado”.

“Já aconteceu de aluno trazer para a escola ou então chegavam com aspectos típicos de quem usou”.

De acordo com as respostas acima, observa-se que na escola já houve casos envolvendo drogas nas escolas, sendo elas, lícitas e ilícitas. Lidar com a juventude é um caso delicado devido à fragilidade de cada um, os profissionais da área devem buscar formas de saber contornar determinadas situações sem parecer ser agressivo ou está reprimindo o indivíduo, sabendo conversar e instruir que aquela ação está inadequada ao meio escolar. Conforme a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), fala que:

Uma vez que os adultos, diretamente envolvidos na vida escolar dos alunos, tenham alcançado um consenso, envolver os alunos nessa questão. Numa atividade em sala de aula ou em reuniões, o ideal seria dar espaço para que os jovens conheçam as regras, entendam sua lógica (mesmo que não concordem), saibam as consequências de não segui-las e possam sugerir mudanças que serão analisadas para verificar a conveniência e possibilidade de implantação (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), 2011, p.21).

Nesses casos, os profissionais responsáveis pela escola devem tomar a frente da situação e conversar esclarecer as regras de forma em que o aluno consiga compreender, e ressaltar que se essa mesma situação tornar a repetir haverá consequências conforme as violações das regras impostas pela escola.

Buscamos entender o perfil dos alunos da escola, conforme a pergunta número cinco, obtivemos as seguintes respostas:

“Os alunos não possuem interesse no estudo de forma alguma, não há acompanhamento da família na escola, infelizmente, e quando comparecem é somente no fim no ano quando já estão prestes a reprovar”.

“Alguns alunos são interessados nos estudos; não possuem perfil que tem incentivo as drogas, são tranquilos”.

“Há uma pequena parcela de alunos envolvidos direto ou indiretamente com drogas”.

“De acordo com o perfil dos alunos, o número de usuários são pequenos, mas o que conseguimos identificar como usuários geralmente faltam muito, e quando vem para a escola não conseguem interagir e ficam muito dispersos”.

As respostas obtidas acima ficaram desfocadas, os funcionários da escola não souberam determinar um perfil para os alunos, falaram apenas de um modo geral, nota-se a falta de atenção que há com os mesmos, um caso já citado pelos alunos durante a aplicação de questionário, onde mencionam a ausência do corpo docente com eles. Fonseca (2008, p.16), cita que:

Sempre há uma desculpa dos fatores que levam o aluno a ter dificuldades. Preguiça, lentidão ou apenas falta de atenção ou de interesse são algumas delas, que muitas das vezes são usadas pelos educadores como forma de tirar de suas costas a responsabilidade, no entanto, essas desculpas tendem a contribuir para o agravamento dessas dificuldades, deixando o aluno cada vez mais desmotivado a aprender. (FONSECA, 2008, p.16)

Como foi visto acima, os professores não conhecem o perfil dos seus alunos, então, buscam meios de tentar culpá-los pela falta de instrução e interesse nos estudos, tirando sua responsabilidade em promover ajuda, buscando outro elemento o qual culpar diante das suas ações, visando que as influências vêm de fora do âmbito escolar. Obtivemos na questão seis, tais respostas:

“Não vejo influências da comunidade, porque quando você não quer, não faz. Mas, me contradizendo, o meio às vezes influencia de modo negativo”.

“A comunidade não interfere os alunos, cada um tem seu perfil, uns são mais agitados que os outros, cada um tem sua índole”.

“A comunidade influência com certeza, já presenciamos a oferta de drogas na porta da escola e na praça.” A entrevistada complementou que faziam palestras abertas a comunidade, porém, os de fora levavam drogas para vender aos alunos.

“Acredito a contribuição da influência vem de casa, porque quando se tem problema em casa certamente vão querer fugir dessa realidade, que é dolorosa, geralmente vão começar a se agrupar a criar grupo de amigos que estão na mesma situação e aí se juntam para fazer o consumo dessas substâncias, seja por curiosidade ou por pressão, então, existe a influência do meio”.

Conforme foi mostrado na entrevista com os funcionários da escola Neyde Magalhães, observa-se que o corpo docente deixa a desejar nas questões de prevenção as drogas, foi visto que não possuem interesse em aderir essa prática com frequência na escola. Sendo neste ambiente, o local de busca de educação e conhecimento, em que poderia ser utilizado como meio incentivador para praticas de conscientização em favor da não utilização de drogas.

Biologicamente, os períodos da vida, comumente, são divididos em infância, pré-adolescência, adolescência, jovem, adulto e idoso. Sendo cada fase destacada por suas características específicas que as tornam diferentes das demais, tanto de modo biológico quanto social. Especificamente sobre a adolescência, Cavalcante; Alves; Barroso (2008, p.556) registram que,

[...] é um período crítico na vida de cada indivíduo, pois nessa fase o jovem vivencia descobertas significativas e afirma a personalidade e a individualidade. Caracterizar a adolescência somente como faixa etária seria uma maneira muito simplista de observá-la, uma vez que ela compreende a transformação do jovem até a idade adulta, não apenas sob o ponto de vista biológico, mas, também social e, principalmente, psicológico (BARROSO, 2008, p.556).

A escola ocupa um papel fundamental na vida dos jovens, então, pode promover proporções para que os mesmos sintam-se confortáveis e interessados a compreender mais sobre a temática abordada. No que se refere as políticas de prevenção, podemos citar como exemplo o Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência (PROERD), que tem como objetivo prevenção ao abuso de drogas e que foi dado início em 1983 (em Los Angeles, EUA, com o nome de DARE – Drug Abuse Resistance Education) e hoje atua em diversos estados brasileiros através das Polícias Militares. A atuação desse programa se dá sobretudo nas escolas.

É inegável que a escola seja um espaço privilegiado para o tratamento do assunto, pois o discernimento no uso de drogas está diretamente

relacionado à formação e às vivências afetivas e sociais de crianças e jovens, inclusive no âmbito escolar. Além disso, a vulnerabilidade do adolescente e o fato de ser esta a faz e da vida na qual os comportamentos grupais têm enorme poder sobre as escolhas individuais fazem da escola palco para o estabelecimento de muitos dos vínculos decisivos para a formação das condutas dos alunos frente aos riscos. (Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/SAÚDE, p.271).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), aponta que o consumo de drogas por estudantes no âmbito escolar é uma parábola crescente com o passar dos anos e que as ações voltadas para solucionar este problema são cada vez mais inexistentes, o que deveria ser o oposto mesmo levando em consideração que o consumo de drogas ilícitas no Brasil seja considerado baixo em relação a outros países, trata-se apenas de discernir a possibilidade de reprodução das drogas em meio social.

A PeNSE em parceria ao Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registra que a adolescência é uma etapa da vida marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial. Esta fase é um importante momento para adoção de novas práticas e comportamentos, ganho de autonomia, exposição a diversas situações e riscos presentes e futuros para a saúde (PENNA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar esta pesquisa, buscamos trabalhar com alunos do Ensino Fundamental nas séries finais, objetivando proporcionar o exercício da cidadania, levando informações sobre o cuidado consigo mesmo e tais cuidados relacionados com a utilização de drogas.

Quando se trata dos Fatores de Risco e Proteção na Família, observa-se que há um maior índice de proteção, que varia entre 60% a 83%, devido ao bom convívio familiar que as crianças possuem com os demais integrantes da família, tendo-os como os fatores principais da sua criação. E nos fatores de risco varia de 31% a 41%, onde foi observado que os alunos possuem pouco diálogo a respeito do tema “drogadição”. Fator este, que é de grande relevância a ser abordado no cotidiano, principalmente pela família. Nos Fatores de Risco e Proteção na Escola, obtivemos uma porcentagem de 48% a 73% de proteção na escola, devido à preocupação da direção com o uso de drogas dentro do âmbito escolar. Mesmo a escola tendo uma ausência de ações preventivas, nota-se que os funcionários não

deixam de lidar com essas questões indiretamente. Os fatores de risco estimam entre 31% a 56% devido à ausência de segurança fornecida para os alunos, mesmo sendo direito e dever da escola e órgãos públicos fornecer.

Nas amizades, obtivemos uma porcentagem nos Fatores de Proteção de 42% a 70%, onde os alunos conseguem viver em harmonia com seus colegas, porém, nos Fatores de Risco com a porcentagem variando de 39% a 52%, foi apontado que os alunos agem de forma agressiva com pessoas de fora do grupo, isso dar-se ao fato de não saberem socializar com os demais colegas, e pouco diálogo sobre inclusão e respeito diante de todos.

Na comunidade, os resultados já diferem um pouco mais em relação aos Fatores de Risco, pois obtivemos um maior índice, variando entre 44% e 56%, devido às vizinhanças serem traficantes e usuários de drogas, fazendo com que as crianças sintam-se amedrontadas a brincar de forma tranquila. Os Fatores de Proteção deram uma caída, variando de 25% a 54%, apontando que a comunidade possui área de lazer, sendo em uma turma, a porcentagem foi igual a ambos os fatores, devido ao método de vivência diferenciado. Notamos que o uso de drogas pode gerar uma dependência prejudicando a saúde e afetar os valores humanos, gerando conflitos familiares e escolares, contribuindo para o aumento dos índices de violência, e que o desenvolvimento de uma prevenção relaciona-se com a atuação de todos os membros participantes da vida dos indivíduos, sendo estes a família, os amigos, a escola e/ou a comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Antonio José; FERREIRA, Márcia de Assunção; GOMES, Maria da Luz; SILVA, Rafael Celestino; SANTOS, Tânia Cristina Franco. O adolescente e as drogas: consequências para a saúde. *Escola Ana Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro/RJ, p. 1-6, dez. 2007.

BRASIL, Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988. Disponível em:

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_144_.asp Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

BRASIL. Defesa do Estado e das Instituições Democráticas. Constituição 05 out. 1988, art. 144. Brasília/DF, 1998. Disponível em:

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_144_.asp. Acesso em: 14 dez. 2018.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

BRASIL, Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm. Acesso em: 09 de dezembro de 2018.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). *Drogas: cartilha para educadores / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD)*; conteúdo e texto original: Beatriz H. Carlini. -- 2. ed., reimpr. -- Brasília : Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011.

CASSIMIRO, Regina Magda Alves. A importância da prevenção na luta contra as drogas. *Academia Nacional De Polícia Pós-Graduação Em Execução De Políticas De Segurança Pública*. Brasília/DF, p. 1-49, 2009.

CAVALCANTE, Maria Beatriz de Paula Tavares; ALVEZ, Maria Dalva Santos Alves; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Adolescência, Álcool E Drogas: Uma Revisão Na Perspectiva Da Promoção Da Saúde. *Escola Ana Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro/RJ, p. 1-5, set. 2008.

GARCIA, Maria. Álcool mata 9 vezes mais do que drogas ilícitas. *Observatório do 3º setor*. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/alcool-mata-9-vezes-mais-que-drogas-ilicitas/> Acesso em: 20 de novembro de 2018.

GOULART, Daniela; SOARES, Ana Famílias e dependência de drogas: interfaces com as políticas públicas. *III Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais*. Belo Horizonte/BH, p.1-16, junho, 2013.

MONTEIRO, Michelle Thomé Lessa. *Drogas no Trabalho*. Universidade Cândido Mendes. 2008, p. 1/50. Rio de Janeiro/RJ.

PENNA, Gerson. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro/RJ, v. 15, out. 2010.

FONSECA, J. F. O. Dificuldade na aprendizagem. *Tese de pós-graduação Latu Sensu – Curso em Alfabetização*. Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. 2008.

PROERD. *Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência*. Diretoria de Polícia Comunitária e de Direitos Humanos. Disponível em: <http://www4.policiamilitar.sp.gov.br/unidades/dpcdh/index.php/proerd-2/>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

REIS, Lúcia Margarete; OLIVEIRA, Magda Luz Félix. Drogas e violência: percepção social em uma comunidade. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. Goiânia/GO, v. 17, n. 3, p. 1-19, jul./set. 2015.

SANCHEZ, Z. M. Promoção de saúde e prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas. In: BRASIL. *Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas*.

Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 6. ed. Brasília, DF: Senad-MJ/NuteUFSC, 2014. p. 145-167

SCHENKERI, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciências e saúde coletiva*. Rio de Janeiro/RJ, vol.10 n. 3, set/2015.

SOUSA, Francisco Waldílio da Silva. *Práticas Educativas para a prevenção primária ao uso de drogas com crianças e adolescentes do Parque Eliane Em Teresina-Pi*. 2013, p. 1-151. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação – PPGEEd - Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI, 2013.

SOUSA, Francisco Waldílio da Silva. *Vidas matáveis: juventudes e narcoeconomia em debate na formação continuada de docentes*, 2017, p.1-166. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí/UFPI. Teresina/PI, 2013.

ANEXOS

ANEXO 01

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA / CAMPUS VII – CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATUAIS – BIOLOGIA
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – ALUNOS

1. Meus amigos gostam de estudar e têm compromisso com os estudos.	() Sim	() Não
2. Meus pais sabem exercer a autoridade com carinho.	() Sim	() Não
3. Meus amigos têm projetos de profissão para o futuro.	() Sim	() Não
4. A minha escola e família estão distantes ou em conflito.	() Sim	() Não
5. Meus amigos praticam esportes.	() Sim	() Não
6. Na minha escola os professores são insensíveis aos alunos.	() Sim	() Não
7. Consigo manter minha opinião própria dentro do meu grupo de amigos.	() Sim	() Não
8. Minha família confia no meu potencial para vencer na vida.	() Sim	() Não
9. Meu namorado (a)/ ficante me incentiva a não usar drogas.	() Sim	() Não
10. Sei que posso confiar em meus amigos.	() Sim	() Não
11. A escola se preocupa sobre o consumo de drogas entre os alunos.	() Sim	() Não
12. Sinto que é difícil confiar nos amigos.	() Sim	() Não
13. Tenho relacionamento próximo com alguém que distribui droga na escola.	() Sim	() Não
14. Meus amigos são agressivos com pessoas de fora do grupo.	() Sim	() Não
15. Meus amigos usam drogas.	() Sim	() Não
16. Meus amigos aprovam o uso de drogas.	() Sim	() Não
17. Eu sei que posso contar com meus parentes próximos ou distantes.	() Sim	() Não
18. Sinto-me excluído na minha escola.	() Sim	() Não
19. Na minha comunidade, as pessoas não se importam umas com as outras.	() Sim	() Não
20. Sou motivo de desentendimentos ou confusões na minha família.	() Sim	() Não
21. Os limites e as regras na escola estão claros para mim.	() Sim	() Não
22. Na minha família tem gente que usa muito álcool, tabaco ou remédio para relaxar.	() Sim	() Não
23. Participo de atividades que ajudam minha comunidade.	() Sim	() Não
24. A minha escola realiza bons programas de prevenção sobre as drogas.	() Sim	() Não
25. Eu respeito os limites e as regras estabelecidas pelos meus pais ou responsáveis.	() Sim	() Não
26. Meus amigos valorizam o trabalho.	() Sim	() Não
27. As pessoas da minha família cuidam da saúde.	() Sim	() Não
28. Meus amigos me incentivam a não usar drogas.	() Sim	() Não
29. Sinto que minha família me ama e se esforça por me ajudar.	() Sim	() Não
30. Os educadores não se interessam muito pelos alunos e pela escola.	() Sim	() Não
31. Há violência na minha família	() Sim	() Não
32. Meus amigos agredem uns aos outros.	() Sim	() Não
33. A comunidade não se preocupa com a venda de álcool/ tabaco para adolescentes.	() Sim	() Não
34. Sinto-me influenciado a usar drogas nos lugares que frequento na comunidade.	() Sim	() Não

35. Meus amigos evitam frequentar ambientes onde existem drogas.	() Sim	() Não
36. A polícia auxilia na segurança nas redondezas da escola.	() Sim	() Não
37. Não tem ninguém na minha família que coloque limites para mim e que eu respeite.	() Sim	() Não
38. Existem traficantes perto de onde eu moro.	() Sim	() Não
39. Meu namorado(a)/ ficante usa drogas.	() Sim	() Não
40. Sinto que minha família não tem nada de bom para me oferecer.	() Sim	() Não
41. Na minha escola existe respeito na relação entre aluno e educador.	() Sim	() Não
42. Quando preciso, posso contar com serviços de saúde na minha comunidade.	() Sim	() Não
43. Participo de projetos sociais ou de incentivo ao esporte para o jovem.	() Sim	() Não
44. Nos locais que frequento na minha comunidade, há incentivo para o uso de drogas.	() Sim	() Não
45. Nas opções de lazer que existem na minha comunidade há presença de drogas.	() Sim	() Não
46. Sinto-me próximo dos meus irmãos e/ ou primos.	() Sim	() Não
47. Sinto-me valorizado e fazendo parte da escola.	() Sim	() Não
48. Na minha comunidade, há ações de prevenção ao envolvimento com drogas.	() Sim	() Não
49. Sinto-me protegido no ambiente escolar.	() Sim	() Não
50. Sou visto como marginal pela escola.	() Sim	() Não
51. Convivo com colegas que usam drogas dentro da escola.	() Sim	() Não
52. Onde moro sou visto como marginal.	() Sim	() Não
53. Na minha comunidade, há boas opções de lazer para o jovem.	() Sim	() Não
54. Há pessoas na minha família que fazem uso de drogas proibidas por lei.	() Sim	() Não
55. Na minha comunidade a droga é vendida/ repassada por crianças ou adolescentes.	() Sim	() Não
56. Sinto-me pressionado a trabalhar ou fazer algo desagradável para ganhar dinheiro.	() Sim	() Não
57. Na minha comunidade há gangues.	() Sim	() Não
58. Percebo que na escola as regras funcionam somente para os alunos.	() Sim	() Não
59. Na minha comunidade há oportunidades para o jovem se expressar e se organizar.	() Sim	() Não
60. Os conflitos na minha família impedem a comunicação entre as pessoas.	() Sim	() Não
61. Existe controle da venda de álcool e tabaco para adolescentes na comunidade.	() Sim	() Não
62. Os alunos reconhecem a autoridade e obedecem aos educadores e funcionários.	() Sim	() Não
63. Encontro opções de lazer sem drogas em locais da minha comunidade.	() Sim	() Não
64. Na minha comunidade há palestras e informações sobre drogas.	() Sim	() Não
65. Tenho oportunidades para realizar curso ou estágio profissionalizantes.	() Sim	() Não
66. A minha família coopera com minha escola.	() Sim	() Não
67. Tenho espaço na minha família para dialogar sobre os conflitos.	() Sim	() Não
68. Eu me sinto pressionado pelos meus amigos a fazer coisas que não quero.	() Sim	() Não
69. Na minha família, tenho pelo menos uma pessoa com quem eu posso conversar sobre drogas.	() Sim	() Não
70. Minha família me vê de maneira positiva, tem uma boa imagem de mim.	() Sim	() Não

71. Meus amigos valorizam e cuidam da saúde.	(☐) Sim	(☐) Não
72. A minha família é muito rígida e não há possibilidades de negociar as regras.	(☐) Sim	(☐) Não
73. Sinto-me em risco no ambiente escolar.	(☐) Sim	(☐) Não
74. Meus amigos acreditam que algumas drogas não fazem mal.	(☐) Sim	(☐) Não
75. Sinto-me isolado ou solitário na minha família.	(☐) Sim	(☐) Não
76. Meus amigos me valorizam pouco.	(☐) Sim	(☐) Não
77. Tenho amigos que me incentivam a usar drogas.	(☐) Sim	(☐) Não
78. Sinto que minha família me vê de forma negativa e está desistindo de mim.	(☐) Sim	(☐) Não
79. Na minha comunidade, há poucas opções de lazer para o jovem.	(☐) Sim	(☐) Não
80. Na comunidade, existe um bom controle da venda de drogas ilegais.	(☐) Sim	(☐) Não